

**LEITURA E INTERTEXTUALIDADE
NAS DIFERENTES VERSÕES DE *CHAPEUZINHO VERMELHO***

Fabiana Gomes Tavares (UNIGRANRIO)
fabiana.tavares@hotmail.com

Solimar Patriota Silva (UNIGRANRIO)
spsolimar@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisaremos brevemente o conto *Chapeuzinho Vermelho* na versão dos camponeses, de Robert Darnton; nas versões de Perrault (1697) e dos irmãos Grimm (1802); *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque (1979) e *Fita Verde no Cabelo*, de Guimarães Rosa, com o foco na relação intertextual entre eles e destacando os pontos relevantes e divergentes entre as diferentes versões.

Palavras-chave: Leitura. Intertextualidade. Formação de leitores

1. Introdução

Muitas vezes, equivocadamente, podemos achar simples demais trabalhar os contos de fadas em nossas turmas do segundo segmento do ensino fundamental, especialmente porque os contos de fadas são voltados para uma faixa etária abaixo daqueles alunos que estão, por exemplo no sexto ano.

Por isso, propomos neste artigo o trabalho com o conto de fada *Chapeuzinho Vermelho*, a fim de verificarmos as diferentes versões e a intertextualidade em obras mais modernas como *Chapeuzinho Amarelo* ou *Fita Verde no Cabelo*. Consideramos que essa intertextualidade poderá ser explicitada durante a leitura das obras, caso o aluno tenha tido contato prévio com alguma versão de *Chapeuzinho Vermelho* e consigam relacionar elementos do diálogo entre as obras.

Em um país que ainda não se configurou como bom leitor, temos visto que muitos alunos ingressantes no segundo segmento do ensino fundamental muitas vezes tiveram contato com o clássico da literatura infantil apenas através das versões para as mídias televisiva ou cinematográfica.

Desta forma, julgamos relevante um trabalho de leitura em sala de aula que vá além da simples contação de histórias, mas que se proponha ao diálogo, à intervenção do professor para enriquecer o repertório leitor

do aluno e que proporcione novas descobertas a esse leitor em formação.

2. *Um pouquinho sobre intertextualidade*

De acordo com o Sant’Anna (2000), intertextualidade é a relação entre uma obra e outra(s) implícita ou explicitamente. Pode acontecer em textos, cinema, canção, propagandas, entre outros. É implícita quando não há indicações diretas sobre a relação entre determinados textos, mas há essa percepção por meio do conhecimento de mundo para ligar um texto ao outro. Pode ir ao encontro à ideia do texto ao qual está relacionado (paráfrase) ou debate-la, discuti-la ou ironizá-la (paródia).

Assim, o professor, ao trabalhar com as diferentes versões, em especial aquelas que podem ser levadas para a sala de aula nos dias de hoje, pode auxiliar os alunos a compreenderem a paráfrase ou paródia feitas. Ele pode auxiliar os alunos a compreenderem as relações entre os textos, a partir do conhecimento prévio dos alunos das versões mais populares do conto.

3. *Chapeuzinho Vermelho na versão dos camponeses*

De acordo com Darnton, em seu livro “O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural”, *Chapeuzinho Vermelho* (versão dos camponeses, 1697) chama-se “A história da avó”, bem como outros contos de fadas, nos é apresentada em sua primeira versão. Ele alega o fato de a estória ter sido transmitida pela oralidade popular na França no século XVII e passada de geração em geração, sofrendo algumas mudanças.

Essa fábula representa bem a população da época, que sofria fazendo apenas uma refeição ao dia e com medo da morte. Os contos eram transmitidos pelos camponeses sentados em volta de fogueiras, após longas horas de trabalho nas lavouras. Ele acrescenta que os contos retratavam a vida da população da época.

Naquele tempo, era comum os pais partirem para o trabalho árduo na lavoura e deixarem as crianças sozinhas em casa; por isso criavam histórias com o intuito de assustá-las e advertir os adultos.

Então o lobo seguiu pelo caminho dos alfinetes e chegou primeiro à casa. Matou a avó, despejou seu sangue numa garrafa e cortou sua carne em fatias, colocando tudo numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e ficou de-

tado na cama, à espera. (DARNTON, 2001, p. 21- 22)

O lobo seguiu o caminho mais rápido, enquanto Chapeuzinho seguiu pelo caminho das agulhas, o mais distante. Diferente das outras versões, o lobo não devorou a vovó, mas a matou e, enganando a menina, a fez beber o sangue da própria avó.

Bettelheim cita a cor do capuz e o beber o sangue avó pela neta simboliza a passagem das experiências sexuais de a anciã para a menina. “... é fatal para a jovem a mulher mais velha abdicar de seus próprios atrativos para os homens e transferi-los para a filha, dando-lhe uma capa vermelha tão atraente.” (BETTELHEIM, 2004, p. 209).

De acordo com Fromm, o capuz vermelho que acompanha a menina nas versões de Perrault e na dos Grimm, é símbolo da cor do sangue, da menstruação e do coração. A menina inicia um novo momento: a juventude e os desejos mais íntimos passam a atraí-la nessa conversão. Para Fromm, o simbolismo do capuz vermelho é muito sugestivo como observado em suas palavras: “O ‘chapeuzinho vermelho de veludo’ é um símbolo de menstruação. A menina de cujas aventuras nos falam tornou-se adulta e vê-se agora defrontada com o problema do sexo.” (FROMM, 1973, p. 175).

A respeito das diferenças percebidas no corpo da avó-lobo, no qual orelhas, olhos, mãos e boca se tornam tão grandes, detalhando um corpo masculino bem mais imponente que o porte da avó é o que aproxima as características do lobo às do homem.

A versão dos camponeses traz além deste breve diálogo de discernimento do corpo masculino, uma prévia do que está por acontecer. Antes deste grande embate Chapeuzinho questiona ao Lobo o destino de suas roupas, e ao longo deste processo, o Lobo repete a mesma sentença: “– Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela.” (DARNTON, 2001, p. 21 e 22). O fogo como símbolo de iniciação, leva o leitor a entender o jogo do desejo masculino e a possível consequência das insinuações de Chapeuzinho, que faz um *streak tease* para o lobo.

A versão dos camponeses para *Chapeuzinho Vermelho* não foi criada e contada voltada para o público infantil; não havia separação ou mesmo, preocupação pedagógica por parte deles.

4. *Chapeuzinho Vermelho na versão de Perrault*

De acordo com Chartier, esta versão está ligada ao comportamento cultural da época, em que os contos geralmente tinham um protagonista frágil e pobre que teria de ultrapassar muitos obstáculos para vencer. Perrault foi quem primeiro escreveu o conto, antes somente transmitido pela oralidade e deu a ele uma sofisticação (CHARTIER, 2002).

Perrault, percebendo a necessidade de adequar o conto criado pelos camponeses para crianças, o escreveu, com algumas modificações, atendendo aos desejos da sociedade da época e acrescentou um poema ao final do conto, destacando “a moral da estória”, o que para Medeiros foi uma crítica ao comportamento mais “moderno” das meninas ao lidarem com estranhos (MEDEIROS, *Online*). Observemos o trecho a seguir:

Vimos que os jovens,
Principalmente as mocas,
Lindas, elegantes e educadas,
Fazem muito mal em escutar
Qualquer tipo de gente.
Assim, não será de estranhar.
Que, por isso, o lobo as devore.
Eu digo o lobo porque todos os lobos
Não são do mesmo tipo.
Existe um que é manhoso
Macio, sem fel, sem furor.

Fazendo-se de íntimo, gentil e adulator,
Persegue as jovens moças
Até em suas casas e seus aposentos.
Atenção, porem!
As que não sabem
Que esses lobos melosos
De todos eles são os mais perigosos.

(PERRAULT, 1987, p. 23)

Perrault alertou as meninas a respeito dos perigosos “lobos”, citando que os mesmos podem ser gentis, porém, perigosos. Também foi ele o autor que incluiu na menina o capuz vermelho que deu origem ao famoso termo “Chapeuzinho Vermelho”.

Ainda na versão do autor, surgem os lenhadores, somente no encontro entre o lobo e Chapeuzinho, o que teria impedido o lobo de devorá-la no bosque, enquanto na versão dos Grimm, é a figura do caçador que aparece para salvar a menina e a avó, que saem sãs e salvas da barriga do lobo que dormia profundamente enquanto sua barriga era aberta

pelo herói caçador.

5. *Chapeuzinho Vermelho na versão dos irmãos Grimm*

Esta talvez seja a versão mais conhecida de *Chapeuzinho Vermelho* e que deu origem à tantas novas versões. Retrata bem o cuidado da mãe, bem como suas orientações para a inocente menina.

– Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrará nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa (GRIMM, 2002, p. 30).

Fujimura destaca, na versão dos Grimm a oposição entre norma e desejo nas versões de *Chapeuzinho Vermelho* relata que a menina, ao ser devorada pelo lobo, recebe sua punição pela desobediência às orientações dadas pela mãe (FUJIMURA, Online).

6. *Fita Verde no Cabelo*

Fita Verde no Cabelo, de Guimarães Rosa também mantém uma relação intertextual com o famoso conto “*Chapeuzinho Vermelho*”. Nota-se a semelhança entre os textos pela presença da avó, da mãe de uma menina que dessa vez usa uma “fita inventada” no cabelo.

É relevante citarmos o fato de a netinha perder a fita do cabelo, aparentemente simbolizando a proximidade da morte da vovozinha, a qual morre lentamente na presença da menina. Fita Verde não percebe o que está ocorrendo com sua avó; e as perguntas que nas primeiras versões, descreviam o corpo masculino, dessa vez, detalham a morte da sua vovó.

–Vovozinha, mas que lábios tão arrocheados!

–É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

–Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado e pálido?

–É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez...

Gritou:- Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo".

(ROSA, 1992)

Enquanto em *Chapeuzinho Vermelho*, o chapéu simboliza a chegada da puberdade, em *Fita Verde no Cabelo*, a fita simboliza a esperança de encontrar bem a avó; a menina perde a fita enquanto anda pelo bosque, trazendo-nos o entendimento da proximidade da morte da vovozinha, o que foi explicitado no trecho acima.

Na versão dos irmãos Grimm, o lobo devora a vovó e a netinha; já em *Fita Verde no Cabelo*, o vilão só é citado no começo do texto, tendo sido exterminado pelos lenhadores. *Fita Verde no Cabelo* mostra-nos o primeiro contato de uma criança com a morte.

7. *Chapeuzinho Amarelo*

Chapeuzinho Amarelo foi escrito em 1979 por Chico Buarque para a filha Luísa, muito medrosa quando criança. Diferente das demais versões, não relata a presença da mãe, da avó, nem do caçador. Traz características de uma menina com muitos medos, simbolizados pela cor amarela. A menina tinha medo do desconhecido e assustador lobo, o que muda totalmente após conhecê-lo (ZAPPA, 2011). Observe o trecho abaixo:

Mas o engraçado é que assim que encontrou o LOBO, a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo: o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.

Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo. Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo. O lobo ficou chateado de ver aquela menina olhando pra cara dele, só que sem o medo dele. Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco-azedo, porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo. É feito um lobo sem pelo. Um lobo pelado. O lobo ficou chateado.

Chapeuzinho Amarelo, ao conhecer o lobo, o considera engraçado e percebe que o mesmo não lhe oferece perigo algum. Depois de encará-lo, a menina passa a perder o medo de outras figuras que as assustavam.

Apesar da intertextualidade com outras versões do conto ser clara, há uma intenção diferente por parte do autor: mostrar que é preciso, primeiramente, conhecer algo, para depois ter uma opinião formada sobre o mesmo. Observemos mais um trecho da estória:

Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO umas vinte e cinco

vezes, que era pro medo ir voltando e a menina saber com quem não estava falando: LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO Af, Chapeuzinho encheu e disse: "Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!" E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO.

Chapeuzinho chega a fazer um jogo de palavras com o nome do lobo, o qual fica perplexo ao perceber a tranquilidade da menina, que não mais “amarela de medo” o encara e quer se afastar do mesmo para brincar. O livro de Buarque foi recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil no mesmo ano de sua publicação, por ser considerado muito relevante para o amadurecimento infantil (ZAPPA, 2011).

8. Juntando tudo

O professor do ensino fundamental pode apresentar cada uma das versões apresentadas anteriormente, para incentivar e explicar aos alunos sobre a intertextualidade, de acordo com a faixa etária dos alunos. Pode-se, por exemplo, separar os alunos em grupos, pedir que façam a leitura do texto (cada grupo com uma diferente versão) e depois compartilhar as diferenças e semelhanças entre cada texto; além de destacar as partes do conto que lhes era desconhecida até a leitura em grupo.

Com isso, espera-se que o aluno consiga, no processo de leitura e intertextualidade, articular informações presentes nas diferentes versões de um texto e saiba estabelecer relações entre os trechos oferecidos pelo professor. É importante que o aluno consiga ler sem o auxílio de terceiros, leituras que abordem conhecimentos familiares e cabe ao docente a seleção de diferentes procedimentos de leitura para a realização da tarefa e a formação pessoal do aluno (PCNEF, 2007). O auxílio docente nesse processo é essencial para o incentivo à leitura e à pesquisa, mostrando que podem ser prazerosas e trazer novos conhecimentos, dentro e fora do ambiente escolar.

9. Considerações finais

Este artigo teve por objetivo apresentar diferentes versões do Conto *Chapeuzinho Vermelho* e obras intertextuais que a ele se remetem, como *Fita Verde no Cabelo* e *Chapeuzinho Amarelo*, analisando os pontos convergentes e divergentes entre as obras. Ao escolher analisar brevemente o possível trabalho com esses contos, esperamos apontar para a

complexidade de significações apresentadas e a possibilidade de que o aluno amplie seu repertório leitor e perceba mais claramente a intertextualidade existente não apenas entre esses contos, mas em todas as leituras que realizar posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAZAR, Allan; KARLAN, Dan; SALTER, Jeremy. *As pessoas mais importantes do mundo nunca viveram*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad.: Arlene Caetano. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. Ilustr.: Ziraldo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

CARDOSO – Silva, Emanuel. *Prática de leitura e intertextualidade*. São Paulo: Humanitas, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FIGUEIREDO, Helena D'Abadia Daniel. *Branca, bela e gata: a imagem do feminino em três contos de fada*. São Paulo: Baraúna, 2012.

FUJIMURA, Calina M. *Chapeuzinho Vermelho: uma linguagem sedutora do jogo*. *Cadernos do CNLF*, vol. VIII, N. 12. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-06.html>>. Acesso em: 19-11-2013.

LEÃO, Hugo; ARAÚJO, Jeaneth Xavier de. *Os contos de fadas e suas representações: Chapeuzinho Vermelho para os camponeses na França do século XVIII*. XVIII Encontro Regional (ANPUR – MG), 2012.

LÚCIA, Ana. *Versões: Chapeuzinho Vermelho: Perrault*. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://sempreversoes.blogspot.com.br/2011/03/chapeuzinho-vermelho-perrault.html>>. Acessado em: 09-11-2013.

MARTINS, Sônia. Intertextualidade entre os textos: *Chapeuzinho Vermelho e Fita Verde no Cabelo*. *Recanto das Letras*, 2008. Disponível em:

<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1357155> Acesso em: 08-11-2013.

MEDEIROS, Rosângela Fachel de. O lenhador, uma releitura de Chapeuzinho vermelho. Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/726/678>. Acesso em: 07-11-2013.

PERRAULT, Charles. *Contos e fábulas*. Trad. e posfácio: Mário Laranjeira; Ilustr.: Fê. São Paulo: Iluminuras, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Fita verde no cabelo: nova velha estória*. Ilustr.: Roger Melo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

WIKIPEDIA: A enciclopédia livre. *Intertextualidade*, 2011. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Intertextualidade>>. Acesso em: 06-11-2013.

ZAPPA, Regina. *Para seguir minha jornada*: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.